

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Luiza Lacerda Conceição

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÃO DE GÊNERO:  
O GÊNERO INFLUENCIA NAS BRINCADEIRAS?**

BELO HORIZONTE  
2019

Maria Luiza Lacerda Conceição

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E RELAÇÃO DE GÊNERO:**

**O GÊNERO INFLUENCIA NAS BRINCADEIRAS?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientador: Rogério Correia

BELO HORIZONTE

2019

C744  
TCC

Conceição, Maria Luiza Lacerda, 1965 -  
O brincar na educação infantil e relação de gênero [manuscrito] : /  
o gênero influencia nas brincadeiras?. - Belo Horizonte, 2019.  
45 f.: il.

Orientador: Rogério Correia.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade  
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. Educação infantil. 2. Educação pré-escolar. 3. Brincadeiras .  
4. Relações de gênero. 5. Pré-escolares. 6. Recreação em grupo. 7.  
Sociologia educacional. 8. Jogos em grupo. 9. Crianças – Linguagem.  
I. Correia, Rogério. II. Universidade Federal de Minas Gerais.  
Faculdade de Educação. III. Título.

CDD:372.21

**Catálogo na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG**  
**Bibliotecária<sup>1</sup>: Carmen Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566**

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma  
e na diagramação gráfica da ficha catalográfica <sup>2</sup>.)

\*Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pela autora, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade da autora, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

† Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

‡ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO OITAVO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “O brincar na Educação infantil e a relação de gênero: o gênero influencia nas brincadeiras?”, do(a) aluno(a) **Maria Luiza Lacerda Conceição**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Rogério Correia da Silva (orientador) e Joaquim Ramos. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Maria Luiza Lacerda Conceição  
Maria Luiza Lacerda Conceição

Registro na UFMG: 2018750270

Rogério Correia da Silva  
Rogério Correia da Silva  
Professor(a) Orientador(a)

Joaquim Ramos  
Joaquim Ramos  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

*Às filhas de minh'alma, Gabriela, Marina e Júlia, que hoje se tornaram mulheres fortes, corajosas e questionadoras. Meu orgulho! Aprendo com elas a cada dia que devemos viver sempre com resistência, buscando a igualdade e equidade.*

## AGRADECIMENTO

A Deus, por nos conceder tantas conquistas!

À minha mãe pelo exemplo de força e determinação em lutar pelos sonhos. Ao meu pai, destemido e trabalhador, que não poupou esforços em buscar nosso bem estar. Aos meus 14 irmãos que me ensinaram a arte de dividir e compartilhar.

À minha família e amigos, pelo tempo que deixamos de conviver. Em especial ao Henrique, meu esposo e companheiro de todas as horas e às minhas filhas, meu grande orgulho e amores da vida, Gabriela, Marina e Júlia, pela cumplicidade e apoio.

Às companheiras da EMEI JARDIM VITÓRIA, que colaboraram direta e indiretamente aguentando meus momentos de angústia e sufocos, e as faltas aos sábados. Em especial à Vanessa César, que me auxiliou na confecção deste trabalho.

Com carinho, às crianças da EMEI JARDIM VITÓRIA, que me ajudaram a fazer da brincadeira a realização deste projeto.

Ao professor Rogério Correia da Silva, que apesar de todas as dificuldades que encontramos durante este percurso, sempre me encorajou e mostrou o caminho que eu deveria seguir.

À toda equipe do LASEB, em especial à professora Lívia M. Fraga Vieira, que com sua intervenção, acrescentou grande contribuição ao meu trabalho.

À todas as colegas do LASEB, pelas trocas realizadas e agradável convivência; às companheiras de trabalhos em grupo, Beth, Cosmira, Fernanda, Maria Helena, Natália e Thais, pelo apoio e parceria. Meu muito obrigada à Thais que com sua atenção e desprendimento, ajudou-me a revisar o meu trabalho.

*“Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual serve para compreender – e justificar – a desigualdade “social”. (LOURO, 1997)*

## RESUMO

Este é um projeto de pesquisa e intervenção pedagógica, que tem como objetivo instituir um debate a partir da tematização de brincadeiras de casinha e futebol, possibilitando a discussão de gênero. O referido trabalho foi realizado com crianças de faixa etária entre 05/06 anos e suas respectivas professoras, em uma instituição pública de Educação Infantil situada na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, e busca identificar qual a compreensão das professoras sobre a influência da brincadeira na construção da identidade de gênero da criança. Pretende-se também' criar uma oportunidade para incentivar um debate a respeito do tema gênero/brincadeiras com as professoras dessa instituição. A escolha deste tema surgiu de indagações de pais que pediram que as professoras não deixassem meninos brincarem de boneca ou com panelinhas, e meninas brincarem de bola ou carrinho para não terem risco de mudarem sua orientação sexual praticando tais brincadeiras. Considerando tal apelo, achei pertinente e necessário esse trabalho de pesquisa quando percebi que algumas professoras agem com o mesmo pensamento dos familiares, separando bonecas e panelinhas para meninas, carrinhos e bolas para meninos. A metodologia consiste em entrevistar crianças e professoras sobre o assunto; observar as crianças em momentos de brincadeira livre; proporcionar melhor convivência entre meninas e meninos; propor intervenções na prática pedagógica buscando melhor interação entre as relações de gênero e a infância.

Palavras-chave: brincar, educação infantil e gênero.

## ABSTRACT

The present academic work is a research and pedagogical intervention project, whose objective is to generate a debate based on playing house and football, creating a gender discussion related to early childhood education. This investigation was performed with students aged between 5 and 6 years old and their respective teachers, at a public early childhood institution in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, and seeks to identify what teachers understand about the influence of playing on the process of construction of gender identity of the children. It is also intended to create an opportunity to encourage a debate on the theme of gender with the teachers of the mentioned institution. This theme was chosen inspired in requests from parents who frequently ask the teachers not to let boys play with dolls, and/or girls play ball to avoid the risk of interfering in their sexual orientation by playing such games. Considering these appeals, I found this research work pertinent and necessary when I realized that some teachers act with the same thinking of this parents, separating dolls for girls and balls for boys. The methodology consists of interviewing children and teachers about the subject; observe children in moments of free play; provide better coexistence between girls and boys; propose interventions in pedagogical practice seeking a better interaction between gender relations and childhood.

Keywords: play, early childhood education and gender.

## LISTAS DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b>	<b>Brinquedos para casinha .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 2.</b>	<b>Brinquedos para casinha .....</b>	<b>20</b>
<b>Figura 3.</b>	<b>Fábio e Elias brincando com carrinho na horta. ....</b>	<b>21</b>
<b>Figura 4.</b>	<b>Fábio, Elias e Bruno brincando na horta .....</b>	<b>22</b>
<b>Figura 5.</b>	<b>Felipe e Henrique arrumando casinha com Cleonice .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 6.</b>	<b>Ruan, Moisés, Ivan, Sergio e Sara organizam a casinha .....</b>	<b>23</b>
<b>Figura 7.</b>	<b>Max (em pé, com a mão na parede): “Para brincar de casinha precisa de carro.” .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 8.</b>	<b>Felipe, Henrique e Max organizam a cozinha. ....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 9.</b>	<b>Ivan, Elisa e Sara arrumando as filhas para passear. ....</b>	<b>25</b>
<b>Figura 10.</b>	<b>Ivan e Sara passeiam com a filhinha. ....</b>	<b>26</b>
<b>Figura 11.</b>	<b>Mara, Cleonice e Joana arrumando a casinha. ....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 12.</b>	<b>Moisés coloca pizza para assar .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 13.</b>	<b>Mara, de laço de fita, tomou conta do fogão .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 14.</b>	<b>Felipe faz bolo e café no mini fogão .....</b>	<b>29</b>
<b>Figura 15.</b>	<b>Ivan, Sergio e Moisés preparam o lanche .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 16.</b>	<b>Max passeia pelos grupos. ....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 17.</b>	<b>Time de futebol. ....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 18.</b>	<b>Começou o jogo .....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 19.</b>	<b>Jogadores em ação. ....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 20.</b>	<b>Uma parada no escorregador .....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 21.</b>	<b>De olho na bola .....</b>	<b>37</b>
<b>Figura 22.</b>	<b>Enquanto a bola não vem. ....</b>	<b>37</b>

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>17</b>
2.1.1	BRINCANDO DE CASINHA: “EU SOU A MÃE, EU FAÇO O BOLO!” .....	19
2.1.2	JOGANDO FUTEBOL: “MENINA SABE JOGAR”. .....	31
2.1.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORES.....	38
<b>3.</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória como educadora infantil, me vi em situações em que as crianças me colocavam à prova em relação a como responder questões de gênero e sexualidade, visto que elas por vezes perguntavam: “Por que só meninas vestem saia?”, ou “Pode um menino passar batom ou esmalte?”, ou por outras afirmavam: “Meninos não brincam de boneca”, “Meninas não podem jogar futebol com os meninos”.

A escolha deste tema surgiu devido a solicitações de pais para que a escola não deixasse que suas crianças brincassem de boneca ou com panelinhas, de bola ou carrinho, para não correr risco de mudarem sua orientação sexual praticando tais brincadeiras. Achei pertinente e necessária esta pesquisa quando percebi que algumas professoras, com as quais trabalho, agem com o mesmo pensamento dos familiares quando separam bonecas e panelinhas para meninas, carrinhos e bolas para meninos. Também ao observar professoras e assistentes de apoio ao educando, parte da equipe da Escola Municipal de Educação Infantil, EMEI, Jardim Vitória, que têm atitudes que não promovem a equidade de gênero, ao repetirem, com frequência, frases como “menino não chora” ou “menina não brinca de luta”. Optei por fazer um trabalho de observação e investigação junto às crianças para ouvi-las a esse respeito, conhecer sua opinião sobre a masculinidade e a feminilidade com relação ao brincar.

O presente trabalho objetiva promover a discussão sobre a relação de gênero e o brincar na educação infantil, a partir da tematização de brincadeiras como: casinha e futebol.

Outro objetivo foi observar meninas e meninos em momentos de brincadeira e verificar/observar se as crianças reforçam estereótipos de gênero nas práticas do brincar. A importância dessa observação nesse contexto foi perceber que “nos momentos de brincadeiras meninos e meninas resistem aos padrões pré-estabelecidos, recriando e reinventando novas formas de brincar, novas formas de ser” (FINCO, 2004, p. 69), a maioria das crianças não demonstrou incômodo ao participar de brincadeiras geralmente direcionadas ao gênero oposto, o que poderá ser relatado mais adiante, nas descrições das brincadeiras.

Procuramos conhecer também as concepções das colegas de trabalho quanto à condução das brincadeiras de meninas e meninos, visando diminuir a desigualdade no trato

com as crianças, no sentido de proporcionar uma educação emancipadora nas relações de gênero; promover discussões e reflexões sobre gênero e diversidade; proporcionar melhor convivência entre meninas e meninos, fazer intervenções na prática pedagógica buscando melhor interação entre as relações de gênero e a infância.

## 2. DESENVOLVIMENTO

*Ao brincar, a criança assume papéis e aceita as regras próprias da brincadeira, executando, imaginariamente, tarefas para as quais ainda não está apta ou não sente como agradáveis na realidade.*

*Lev Vygotsky*

Houve nas últimas décadas, especialmente a partir da década de 70, um crescimento da educação infantil no Brasil, devido à inserção da mulher no mercado de trabalho, à nova estrutura das famílias e de estudos sobre a necessidade das experiências na primeira infância, o que levou ao aumento da busca por uma educação institucional para crianças de zero a seis anos. A união desses fatores possibilitou um atendimento às crianças dessa faixa etária com garantias na Constituição Federal de 1988, como diz o inciso IV do artigo 208: “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”, que é um dever do Estado e direito da criança. (SANTOS, 2010 e GOMES, 2006)

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (Lei 9394/96), no seu Artigo 29, estabelece que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, em seu artigo 4º, definem a criança como

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p.33)

Sempre que se fala em criança, o brincar nos vem à cabeça como uma forma inerente a ela. Inserida em instituições de educação infantil, a criança tem, através das brincadeiras, a oportunidade de aprender, interagir com o outro, participar da vida em sociedade. Segundo Corsaro (2002, p.114), “nesta perspectiva, as crianças começam a vida como seres sociais inseridos numa rede social já definida e, através do desenvolvimento da comunicação e linguagem em interação com outros, constroem os seus mundos sociais.”

Nesse sentido, segundo Ferreira (FERREIRA, 2002), citado por Sandro Santos,

a instituição passa a ser um local onde cotidianamente ocorrem relações intrageracionais, ou seja, dentro de uma mesma geração; intergeracional, isto é, entre gerações distintas; homossociais, que dizem respeito às relações entre sujeitos de mesmo gênero; relações heterossociais, que englobam as relações entre gêneros. (SANTOS, 2010, p.16)

Segundo Sandro Santos (2010), as crianças aprendem a se reconhecerem como meninos ou como meninas, antes de aprenderem a se reconhecer como crianças, por meio de uma estruturação cultural e social de diferenciação entre sexos. Por meio da socialização é imposto às crianças o papel que a sociedade determinou para seu gênero, estabelecendo seu entendimento de masculinidade e feminilidade.

No entanto, nas brincadeiras, as crianças experimentam o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, outros papéis. No faz de conta elas são mãe, pai, “filhinho ou filhinha”, super-heróis; elas se permitem ser o que quiserem. Ao mesmo tempo que aprende, a criança também ensina, conhece a si e os outros, aprende a partilhar. Há uma troca constante de conceitos, valores, experiências e construção de regras. Nas brincadeiras as relações entre as crianças ganham potencialidade. A brincadeira possibilita trocas, o contato com o outro, com as diferenças, a criança encontra lugar para experimentações e transgressões. Para Corsaro (2002), através da interação com os colegas no contexto pré-escolar,

as crianças produzem a primeira de uma série de culturas de pares nas quais o conhecimento infantil e as práticas são transformadas gradualmente em conhecimento e competências necessárias para participar do mundo adulto. [...] As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. (CORSARO, 2002, p. 114).

Dessa forma, durante as brincadeiras as crianças se veem como participantes ativos e criativos, reproduzem sua relação com a sociedade e cultura nas quais estão inseridas, elas influenciam e são influenciadas pela sociedade.

Às vezes os olhares dos adultos, frente às brincadeiras, estão carregados de estereótipos de gênero, construídos pelas instituições família/igreja/escola/Estado e já interferem chamando a atenção: “menino não brinca de boneca e de casinha”, “meninas não jogam bola/futebol, não brincam de carrinho”. Então, diante de tais observações, deveriam procurar perceber os interesses e potenciais dessas crianças, fazer intervenções, quando necessário, dando voz a elas, buscando conhecer cada uma, reconhecer suas diferenças, promovendo a valorização cultural desses indivíduos. Segundo Gomes, todavia, sabemos que é no ambiente familiar, normalmente, que se reproduz a dominação

masculina, a divisão sexual do trabalho. Nesse sentido a autora defende que a escola, creches e pré-escolas, podem ser percebidas como instituições mais significativas de gerar mudanças, buscando uma maneira de mudar, mostrando às crianças hábitos da equidade entre homens e mulheres, visando uma sociedade mais justa. (GOMES, 2006, p. 37).

Sabemos que é uma longa caminhada, mas uma forma de contribuir é proporcionar conversas, brincadeiras que levem as crianças a vivenciarem o papel de cuidar da casa, dos filhos, que é função tanto de mães quanto de pais, ensinando aos pequenos a cumplicidade nas divisões de tarefas, uma vez que, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a parceria mulher/homem deve começar cedo.

Quando algumas mães e pais se incomodam na hora que a criança conta em casa que brincou de casinha, ou de futebol e carrinho, procuram a escola indagando que não querem que o filho seja um futuro homossexual, pelo fato de brincar com as meninas, e vice-versa. Desse modo, segundo Daniela Finco (2005), ao refletir sobre a utilização dos brinquedos pelas crianças, é possível afirmar que as categorizações dos brinquedos são construções criadas por adultos e não tem significado para as crianças nos momentos das brincadeiras. A autora afirma também que “é importante que se compreenda que o fato de um menino brincar com uma boneca e de uma menina brincar com carrinho não significa que eles terão, no futuro, uma orientação homossexual” (FINCO, 2005, p. 14).

A escola pode explicar que é um compromisso ético-político da Educação Infantil, tomar para si o papel de criar tais situações, buscando problematizar a suposta hierarquia entre homens e mulheres, desconstruir a ideia de meninas serem frágeis, dóceis e dependentes, e que meninos devam ser viris, corajosos e protetores.

Está muito atual a discussão sobre gênero, uma fala recente da Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damare Alves, “menina veste rosa, menino veste azul”, repercutiu muito na mídia e provocou a divisão de opiniões entre profissionais da área de educação infantil, pais e de toda sociedade. Para a professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, Daniela Rezende, esse tipo de declaração reforça a divisão entre homens e mulheres e contribui para aumentar as desigualdades. (BORGES, 2019).

Muitas vezes a própria instituição reforça os estereótipos de gênero quando faz uma lista de compras de brinquedos e enfatiza, panelinhas, fogão e bonecas para meninas, carrinhos e bolas para meninos. O mesmo acontece com livros, CD's e outros materiais, como se os objetos fossem definir a identidade de cada criança.

Segundo as autoras Santos, Tomazzetti e Melo, “os brinquedos, assim como as roupas, os filmes e outros produtos vendidos ao público infantil são constituídos por um conjunto complexo e amplo de práticas, imagens e discursos que educam as meninas e os meninos de forma distinta e desigual” (SANTOS, TOMAZZETTI e MELO, 2018, p.326).

Como cita Guacira Louro, “através de muitas instituições e práticas, certas condutas foram e são aprendidas e interiorizadas; tornam-se quase “naturais” (ainda que sejam “fatos culturais”). A escola é parte importante desse processo, ela promove uma socialização diferenciada, privilegiando os meninos mais do que as meninas, construindo uma naturalidade de tal forma que nos impede de perceber a distinção aplicada entre eles” (LOURO, 1997, p.60). Normalmente os meninos têm mais autonomia que as meninas, precisam de mais espaço, mais liberdade em se infiltrar nas brincadeiras das meninas. Nossas escolas ainda criam atividades associadas ao gênero masculino e feminino. A autora afirma ainda que os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos e processos de avaliação contribuem para as diferenças de gênero nas series iniciais. (LOURO, 1997, p. 64).

Trazendo a discussão para o universo da educação infantil, segundo Daniela Finco (2003 *apud* SANTOS, TOMAZZETTI e MELO, 2018, p.312), “meninas e meninos ainda não possuem o sexismo da forma como ele está disseminado na cultura construída pelo adulto: as crianças vão aprendendo a oposição e a hierarquia dos sexos ao longo do tempo em que permanecem na instituição educativa.”

Enxergando a escola como um potencial ambiente catalisador de mudanças, é importante levarmos essa temática para o dia a dia e questionar, inclusive, a nossa metodologia. Como menciona Louro, “é indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.” (LOURO, 1997, p. 64). Por esse motivo, considero importante o exercício de observação e análise do comportamento das crianças e como elas respondem aos nossos estímulos durante as brincadeiras.

## 2.1 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido na rede municipal de ensino de Belo Horizonte, na EMEI Jardim Vitória, com crianças e professoras da educação infantil. Traz reflexões sobre o brincar e as relações de gênero, através da observação de situação de brincadeiras e conversas realizadas em quatro momentos. Fizemos uma carta para as famílias, explicando o projeto e pedindo autorização para a participação das crianças. Entre as 24 famílias, somente duas não autorizaram.

A EMEI Jardim Vitória, região nordeste de BH, completou 14 anos. Iniciou suas atividades escolares no dia 10 de maio de 2005. Foi inaugurada solenemente com a presença do prefeito e sua equipe, no dia 07 de novembro do mesmo ano.

O bairro Jardim Vitória possui serviços básicos para habitação, como escola, posto de saúde, posto de polícia militar, praça, pontos comerciais de ótima localização, razoável acessibilidade junto ao grande centro, transporte público e saneamento básico de boa qualidade, entre outros pontos positivos. Como todo bairro de periferia, sofre com falta de segurança, exclusão social/política/ e a pobreza que, infelizmente, são problemas comuns.

A EMEI Jardim Vitória possui infraestrutura que abriga: fraldário, oito salas de aula, dois banheiros infantis (masculino e feminino), sala multiuso (arquivos, biblioteca, brinquedoteca), refeitório, cozinha, despensa, área de serviço com banheiro para funcionários, sala de professoras, sala de coordenação e direção, secretaria, dois banheiros para adultos (portadores de deficiência e comum), hall de entrada, parquinho, teatro de arena e uma ampla área externa.

Os profissionais que atuam na escola são comprometidos, qualificados, atuantes e criativos, a maioria das professoras tem formação em nível superior e pós-graduação. São 34 professoras, 17 funcionários (cantineiras, auxiliares de inclusão, auxiliares de educação infantil, secretária, porteiros).

A escola tem turmas integral e parcial, que são atendidas de acordo com suas necessidades e faixas etárias. São atendidas crianças dos bairros do entorno, Vila Maria, Pousada e Bela Vitória. É um grupo diversificado, cognitiva e socialmente. Atende-se crianças da classe média baixa e média. A maioria mora nas ruas e condomínios próximos à EMEI Jardim Vitória. Boa parte delas faz uso de transporte escolar no trajeto casa/escola.

A composição da EMEI Jardim Vitória é de 270 crianças, sendo que 103 são meninas e 167 são meninos; as famílias têm em média 2 filhos. 133 famílias se autodeclaram

brancas; 113, pardas e 25, pretas. A religião está presente da seguinte forma: 02 famílias são adventistas; 152, católicas; 103 evangélicas e 5 espíritas. Quanto à escolaridade dos pais e mães, 81 possuem ensino fundamental; 145 têm ensino médio; 42, curso de graduação e 2 analfabetas. A média de idade dos respondentes é de 28 anos e 6 meses. 216 famílias vivem em casa própria e 54 pagam aluguel, segundo anamneses respondidas pelas famílias.

De maneira geral, observa-se que as crianças da EMEI Jardim Vitória não são, em sua maioria, de grupos considerados como de vulnerabilidade social. Tem suas necessidades de cuidado bem atendidas pelas famílias.

A maioria dos pais e mães é jovem, com ocupação profissional definida. Alguns deles encontram-se sem renda fixa, face ao atual momento de instabilidade econômica e de empregabilidade que o país vive.

Para desenvolvimento do Plano de Ação, optamos pela observação participante, que segundo Martins Filho, possibilita o acesso dos adultos ao que as crianças pensam, fazem, sabem, falam e a como vivem, esmiuçando suas peculiaridades e as particularidades desse grupo geracional (MARTINS FILHO, 1999). Realizamos também conversa/entrevista com as crianças de 5/6 anos, em momentos de brincadeira, organizados em que o tema da relação de gênero se apresente. O trabalho foi organizado em quatro momentos, em média 40 minutos para cada um, sendo que dois deles de brincadeiras com as crianças. Foi proposto para as crianças a brincadeira de casinha e o jogo de futebol, por serem tradicionalmente separadas pelo gênero.

Também realizamos entrevista com sete professoras para identificar e analisar possíveis comportamentos delas que fortaleçam posições sexistas ou não. Seleccionamos perguntas direcionadas a situações que dizem respeito ao direito fundamental de toda criança, o direito à brincadeira. As perguntas 1, 2, 3 e 4 foram baseadas no estudo de Costa (2004, p. 15) e as perguntas 5 e 6, em Gomes (2006, p. 39). Juntando esse direito à brincadeira, incluímos indícios de uma preocupação com questões relacionadas ao gênero na prática pedagógica das professoras

Num primeiro momento foi realizada uma conversa prévia com as crianças sobre o que e como elas gostavam de brincar na EMEI Jardim Vitória, saber se para elas existe brincadeira só de meninos ou só de meninas; explicando nossa proposta de brincar, todos juntos, meninos e meninas. Depois, num outro dia, criamos um espaço para brincar de “casinha” e carrinhos, montamos o ambiente com brinquedos do dia-a-dia, fogão, panelinhas, bonecas, carrinhos, objetos usados para arrumar a casa, rodo e vassoura. No

terceiro momento propusemos a todas as crianças a realização de “brincadeiras de meninos”, jogo de futebol, atividade com bola. Por último, entrevistamos professoras sobre o momento das brincadeiras. Ouvimos as opiniões e comentários das crianças sobre as atividades, o que acharam, como se sentiram. e discutimos questões surgidas durante as brincadeiras.

A turma que é objeto de observação contou com 24 crianças, na idade de 5/6 anos. Sendo 12 do sexo feminino e 13 do sexo masculino.

A professora referência dessa turma é graduada em Pedagogia, concluiu três cursos de pós-graduação na área da educação e está com a quarta em processo de finalização. Quando a questioneei como atua com as crianças em relação ao gênero respondeu-me que procura trabalhar com elas a equidade de gênero, trazer sempre para a discussão exemplos de convivência pautadas em parceria e respeito, procura incentivar formação de valores desprovidos de estereótipos de gênero.

### 2.1.1 BRINCANDO DE CASINHA: “EU SOU A MÃE, EU FAÇO O BOLO!”

A primeira situação de observação aconteceu no dia 25/09/2019, numa quarta-feira nublada, e teve a duração de 40 minutos. Os brinquedos foram colocados na área externa, próximo à horta, para que as crianças organizassem a casinha. Separou-se os brinquedos colocando fogão, geladeira, carrinhos de bebê, bonecas, alguns carrinhos e caixas com panelinhas, dividindo o espaço em dois, para distribuir melhor as crianças (Figura 1 e 2). Primeiro conversamos sobre a atividade proposta, fizemos combinados para garantir a disciplina. Quando chegamos na área externa, foi um momento de muita algazarra, pulavam animados e resolviam com quem e com o que queriam brincar. A professora referência da turma acompanhou-nos registrando as fotos. O registro dos diálogos foi feito por mim, durante a observação, através de gravação pelo celular e que foram transcritos posteriormente.

**Figura 1. Brinquedos para casinha**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 2. Brinquedos para casinha**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Ao chegarmos, as crianças foram se agrupando, dividindo os brinquedos entre elas.

A partir da observação participativa da brincadeira de casinha, com base nas reações dos meninos, pudemos dividi-los em três grupos: dos meninos que não quiseram se envolver na brincadeira e optaram por brincar de carrinho; dos que se envolveram naturalmente na brincadeira; e o terceiro, aqueles que se envolveram, mas demonstraram certo desconforto ao brincar de casinha. No caso do primeiro grupo, dos meninos que não quiseram se envolver na brincadeira e optaram por brincar de carrinho, como foi o caso do Fábio, Elias e Bruno, que mostraram-se resistentes à brincadeira, disseram que “naquele” dia não queriam brincar de casinha e afastaram-se pegando os caminhões e outros brinquedos, isolando-se dos grupos, indo brincar na horta (Figuras 3 e 4). Segundo Daniela Finco (2004),

as crianças escolhem espontaneamente os brinquedos, apropriados para seu sexo, manifestando tendências bem precisas. A escolha do menino por um carrinho ou um aviãozinho, é justamente por saber que aquele é o brinquedo permitido, opções efetuadas à priori pelos adultos. (FINCO, 2004, P. 72)

**Figura 3. Fábio e Elias brincando com carrinho na horta.**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 4. Fábio, Elias e Bruno brincando na horta**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Felipe e Henrique já se envolveram com as meninas, arrumando as casas e distribuindo tarefas como: varrer, cozinhar, cuidar dos filhos (Figuras 5 e 6). Percebemos aqui o segundo grupo de meninos, os que se envolveram naturalmente na brincadeira.

De acordo com Daniela Finco,

em relação ao uso dos brinquedos, é possível compreender as positivities das transgressões, nos momentos de brincadeira, percebendo como meninas e meninos resistem aos padrões pré-estabelecidos, recriando e inventando novas formas de ser. (FINCO, 2004, p.69)

**Figura 5. Felipe e Henrique arrumando casinha com Cleonice**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 6. Ruan, Moisés, Ivan, Sergio e Sara organizam a casinha**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Entretanto um aspecto que nos chama a atenção foi que durante a brincadeira de casinha, Fábio, Elias, Bruno (Figura 4) e Max (Figura 7) abriam a discussão sobre a distinção dos papéis ao solicitar a introdução do carro na brincadeira. Como podemos observar a partir do seguinte diálogo registrado:

1. Max: - Lulu, eu queria um carro.
2. Pesquisadora: - Para que você quer um carro, Max? Perguntei.
3. Max: - Queria um carro, porque para brincar de casinha eu preciso de um carro para fazer compras. Mas pode ser aquele velotrol... respondeu mostrando o velotrol que estava um pouco distante.
4. Pesquisadora: Todos os carros, de bebê e os outros, fazem parte das casas, escolha uma para você brincar, e veja com as pessoas da sua casinha quem ficará com a tarefa de fazer compras. Max afasta-se observando, olha de um lado para outro, como se escolhesse o grupo que melhor se encaixaria (Figura 7). Neste momento observo e reflito sobre a resistência do Max em brincar com as panelinhas, pergunto a ele como é em casa, como as tarefas são divididas, se todos participam. Ele me responde que o pai sai para trabalhar muito cedo e que a mãe faz tudo sozinha.

Com a atitude de Max, registramos o terceiro grupo de meninos: aqueles que se envolveram, mas demonstraram certo desconforto ao brincar de casinha.

**Figura 7. Max (em pé, com a mão na parede): “Para brincar de casinha precisa de carro.”**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 8. Felipe, Henrique e Max organizam a cozinha.**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Observo Ivan, Elisa e Sara (Figura 9) brincando com bonecas e carrinhos de bonecas, elas sentadas, vestindo roupas nas bonecas e Ivan preparando o carrinho para o passeio. Elisa e Sara percebem meu olhar e vão logo chamando minha atenção dizendo que estão arrumando as “filhas” para passear.

5. Sara: - Professora, eu e Ivan vamos passear com a filhinha. (Figura 10)

**Figura 9. Ivan, Elisa e Sara arrumando as filhas para passear.**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 10. Ivan e Sara passeiam com a filhinha.**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Continuo pelos grupos e percebo o Sérgio observando os colegas à distância. Me dirijo a ele:

6. Pesquisadora: - Você não vai brincar, Sérgio? O tempo é curto, está muito nublado e caso comece a chover, teremos que interromper a brincadeira.

7. Sérgio: - Lulu, eu não brinco de casinha. Disse-me Sérgio, cruzando os braços e se isolando do grupo.

8. Pesquisadora: - Nunca? Perguntei. Ele ficou desconcertado quando percebeu Cleonice, que estava por perto e disse a ele:
9. Cleonice: - Você pode brincar de casinha, meninos podem brincar de casinha. E foi apoiada por Mara e Joana, que estavam arrumando a casinha com ela. (Figura 11)
10. Sérgio: - Eu sei. Eu já brinquei... outro dia eu brinquei.
11. Pesquisador: - Está bem, Cleonice, hoje Sérgio não quer brincar. É escolha dele.

**Figura 11. Mara, Cleonice e Joana arrumando a casinha**



Fonte: da autora em 25/09/2019

12. Sérgio: - "Tá" bom, Lulu, hoje eu vou brincar. Disse se afastando das meninas e juntando-se ao Moisés, que a esta altura já havia tomado posse de um dos fogões, e sem perder tempo já envolvia os colegas na brincadeira. (Figura 12)
13. Moisés: - Lulu, olha, estamos fazendo pizza. Abrindo o forno para me mostrar a pizza assando.
14. Pesquisadora: - Uma pizza? Que delícia! E vocês sabem fazer pizza? Perguntei aproximando-me do grupo.
15. Sérgio: - Eu sei fazer, vi meu pai fazendo, Lulu. Meu pai não compra pizza lá em casa, ele faz a pizza.
16. Moisés: - Professora, eu aprendi fazer pizza num vídeo, lá em casa.
17. Pesquisadora: - Que legal, você gosta de cozinhar, Moisés? Perguntei curiosa.
18. Moisés: - Gosto muito! Quando eu crescer, vou ser cozinheiro. Respondeu ele com um sorriso orgulhoso mexendo nas panelas. Antes de me afastar eu disse que gostaria de provar a pizza, eles sorriram e ficaram me olhando.
19. Bruno: - A pizza é de mentira, Lulu. Depois que a gente comer de mentira, a gente vai fazer panqueca. Contou-me Bruno, que se aproximava para "comer" a pizza e de vez em quando passeava por outros grupos.

**Figura 12. Moisés coloca pizza para assar**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Nesse momento fui chamada em outro grupo, havia um impasse. Henrique queria fazer um bolo, mas Mara não queria deixar, colocou-se à frente do fogão e não queria sair. (Figura 13). Perguntei a ela por que Henrique não poderia fazer o bolo e ela respondeu que quem faz o bolo é a mãe, que o pai não faz, e ela era a mãe daquele grupo.

**Figura 13. Mara, de laço de fita, tomou conta do fogão**



Fonte: da autora em 25/09/2019

20. Henrique: – Professora, eu sei fazer bolo! Eu ajudo minha mãe. E meu pai faz café. Defendeu-se, tentando tomar o lugar à frente do fogão. Perguntei ao grupo, como poderíamos resolver a situação? Houve um momento de silêncio, quando Moema, que estava mais recuada vestindo uma boneca, disse:

21. Moema: – Cada um pode fazer uma coisa, né professora? Na minha casa eu e meu irmão ajudamos a fazer as coisas.

22. Mara: – Eu sou a mãe, eu faço o bolo! Disse rapidamente, que não desistiu da sua convicção de que bolos são feitos pela mãe. Fiquei em pé, diante do grupo, esperando a solução. Henrique, meio desolado, aceitou a “regra” imposta por Mara e disse que faria o café. Ele afastou-se e pegou um outro fogão, bem menor, trouxe também algumas panelinhas e foi fazer o seu café, ali mesmo pertinho do grupo. Elias e Carlos mexiam na geladeira, pareciam procurar algo (Figura 14). Quando aproximei, Elias disse:

23. Elias: – Lulu, nós vamos fazer gelatina, suco e outras coisas. Ele e Carlos disputavam a geladeira, ao lado do fogão, remexendo copinhos e panelas que estavam lá dentro.

24. Pesquisadora: – Que bom que tudo se resolveu e o lanche vai ficar pronto com a ajuda de todos. Depois eu volto para o lanche. Afastei-me.

**Figura 14. Felipe faz bolo e café no mini fogão**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Quando venceu nosso tempo, andei pelos grupos avisando que estava na hora de voltar para sala. Pedi que ajudassem a guardar os brinquedos pequenos nas caixas, todos reclamaram, queriam brincar mais. Os meninos queriam ir para sala sem ajudar e as

meninas brigavam com eles, diziam que todos deveriam guardar os brinquedos. Juntamos os brinquedos.

**Figura 15. Ivan, Sergio e Moisés preparam o lanche**



Fonte: da autora em 25/09/2019

**Figura 16. Max passeia pelos grupos**



Fonte: da autora em 25/09/2019

Neste primeiro momento, pude observar que as crianças atuam nas brincadeiras retratando e reproduzindo os modelos de gênero presentes no seu cotidiano. A maioria das crianças, além de não demonstrar constrangimento em brincar, não se importam em compartilhar o momento com crianças do sexo oposto. Para elas o que interessa é brincar. (Figuras 15 e 16)

## 2.1.2 JOGANDO FUTEBOL: “MENINA SABE JOGAR”.

Segundo momento de observação, dia 27/09/2019, sexta-feira. Duração de 40 minutos, sendo que o jogo em si durou 20 minutos, pois estava muito calor. Neste dia fomos para o parque gramado. A proposta foi dividi-los em dois times mistos (Figura 17), de nove jogadores e três juízes. Um menino e uma menina escolheram seus companheiros para formarem as equipes.

**Figura 17. Time de futebol.**



Fonte: da autora em 27/09/2019

1. Milena: - Lulu, a gente vai jogar futebol? Perguntou, muito feliz e já fazendo seus contatos com quem gostaria de jogar.
2. Pesquisadora: - Sim, vamos. Vocês gostam de jogar futebol? Enquanto tiravam seus agasalhos e empilhavam as agendas na mesa da professora, todos atentos, responderam ao mesmo tempo que sim, que adoram jogar futebol, foi uma algazarra.

A professora disse que eles costumam pedir para jogar bola e às vezes jogam todos juntos, que depende se as meninas não estão inspiradas a brincar de boneca, que muitas vezes elas preferem as bonecas à bola.

Sáímos para o parque gramado. Eles andavam pelo corredor falando alto e fazendo escolhas dos companheiros de time. Na área externa, muito sol. Todos sentaram-se no

chão, eufóricos. Pedimos aos ajudantes do dia, Cleonice e Sérgio, para escolherem os respectivos times.

3. Sérgio: - Professora, meu time é azul, porque eu gosto de azul. Gritou. Olhou para minha mão procurando um colete azul.

4. Pesquisadora: – Só temos coletes amarelos e vermelhos para os times, e verde para juízes. Respondi distribuindo os coletes. Então Sérgio pediu que seu time fosse o vermelho.

Começamos a organizar o jogo, eu disse que precisaríamos de três juízes, perguntei quem queria ser juiz, Téo, Lucas e Elisa se ofereceram. Fizemos o sorteio para ver quem começaria a escolha do time. Cleonice ganhou. Quando Cleonice iria começar, Fábio levantou-se e chegou perto dela e disse:

5. Fábio: - Escolhe menino, Cleonice, menino joga melhor...

6. Pesquisadora: - Fábio, você já jogou com meninas algum dia? É por isso que você acha isso? Perguntei ao Fábio enquanto ele voltava para sentar-se no chão.

7. Fábio: - Não. Respondeu meio cabreiro.

Diferentemente das meninas, alguns meninos demonstram abertamente a insatisfação em compartilhar com as meninas uma atividade que estão acostumados a fazer sem elas. Logo no início da prática, houve meninos reclamando que meninas não sabiam jogar. Em contrapartida, novamente divididos em dois grupos, a maior parte dos meninos aceitou e recebeu bem as meninas no jogo, incluindo-as e reconhecendo que elas também podem jogar bem.

8. Henrique: - Menina sabe jogar. Gritou abrindo os braços com indignação.

Cleonice começa e aponta para o Felipe, escolhendo-o. No mesmo instante Ruan reclama, gritando de onde estava sentado:

9. Ruan: - As meninas adoram o Felipe! Tudo delas é só o Felipe!

E assim continuamos na escolha dos times, da maneira deles, sem minha interferência.

Times escolhidos: Amarelo: Cleonice, Henrique, Ivan, Sara, Fábio, Felipe, Carlos, Ruan e Esther. Vermelho: Sérgio, Mara, Max, Joana, Moisés, Bruno, Moema, Milena e Sofia.

10. Pesquisadora: - Agora temos que escolher os goleiros de cada time. Como vamos fazer? Perguntei conduzindo todos para o meio do campo.

11. Fábio e Bruno: - Tem que ser um menino! Gritam juntos.

12. Pesquisadora: - E se alguma menina quiser? Perguntei no meio da gritaria, mas nenhuma menina respondeu, pareciam perdidas em meio à gritaria dos meninos.

13. Ivan: - Professora, eu quero ser goleiro do meu time vermelho.

14. Felipe: - Eu vou ser o goleiro do time amarelo. Gritou.

Expliquei o jogo, informei as regras do futebol: conduzir a bola somente com os pés, só o goleiro pode colocar a mão na bola, não pode bater no colega; definimos o espaço do campo. Tudo acertado, começou o jogo (Figura 18). Uma verdadeira confusão. Meninos e meninas corriam para um lado, a bola para outro. Os meninos nervosos, gritavam a todo momento palavras de ordem para as meninas: “chuta para frente”, “passa a bola”, “assim não faz gol”. Os juízes se misturavam com os times, às vezes se envolviam com os brinquedos do parquinho.

Segundo Eliene Lopes, “o que está em jogo no futebol dos meninos é, basicamente, sua honra pessoal – a coragem e a virilidade, sobretudo – ainda que elas sejam seguidamente implícitas.” (FARIA, 2009. P. 70)

**Figura 18. Começou o jogo**



Fonte: da autora em 27/09/2019

Sempre que a bola era jogada para o gol, eles se misturavam, às vezes se confundiam com relação ao gol, se era do adversário ou não. Tínhamos que ficar lembrando a todo momento qual time teria que chutar. Notava-se que não tinham as regras estabelecidas. Para eles tudo era farrá.

Uma das professoras, respondendo a entrevista, aborda:

Confesso que tenho muita dificuldade quando proponho o jogo de futebol, porque causa muito tumulto. A grande maioria dos meninos tem desafios em aceitar as meninas jogando. Elas se recusam e dizem que futebol é coisa de menino. Reconheço que desconstruir papéis e estereótipos é um processo árduo e diário. (Entrevista realizada em 12/09/2019)

**Figura 19. Jogadores em ação**



Fonte: da autora em 27/09/2019

Para Eliene Lopes,

é preciso salientar, entretanto, que a complexidade da prática futebolística mostrou que aprender (a cultura) não se esgota na consideração de gestos motores e significados, mas que, no processo de incorporação da prática social, outros aspectos estão em jogo. (FARIA, 2009, p. 66).

Algumas crianças, tanto meninas como os meninos, participavam mais ativamente do jogo, outras se esqueciam que estavam jogando e iam para os brinquedos, para os bancos e não estavam nem se importando com o futebol acontecendo.

**Figura 20. Uma parada no escorregador**



Fonte: da autora em 27/09/2019

Os meninos às vezes passavam e reclamavam que as meninas não estavam jogando bola para eles, as meninas pediam para eu intervir e pedir aos meninos para chutarem a bola para elas. Os juízes tinham que ser lembrados que estavam jogando, que tinham que apitar quando um jogador ficasse discutindo ou empurrasse o outro.

*A pequena participação das mulheres no futebol do recreio e no festival de jogos da escola e a separação de meninos e meninas para a realização das práticas futebolísticas nas aulas de Educação Física eram também reveladoras da generificação. (FARIA, 2009, p.69)*

Os goleiros trabalharam pouco nesse jogo, pois ou a bola nunca chegava até eles ou quando chegava era por pura distração do próprio time que “se reunia” frente ao gol e não sabiam o que fazer com a bola.

O cansaço foi mútuo, todos pediram para parar o jogo. Encerramos o jogo e perguntei o que acharam da partida, todos disseram que foi muito bom, mas ficaram tristes porque não houve gol para nenhum time.

**Figura 21. De olho na bola**



Fonte: da autora em 27/09/2019

**Figura 22. Enquanto a bola não vem...**



Fonte: da autora em 27/09/2019

No decorrer da atividade, houve uma parcela semelhante de meninas e meninos participando ativamente do jogo. Além disso, dentre as crianças que ficaram dispersas e não foram participativas, havia tanto meninos quanto meninas. Percebi que apesar de as crianças se dividirem durante o jogo e interagirem mais com colegas do mesmo sexo, a atividade foi inclusiva e democrática entre meninos e meninas.

### 2.1.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PROFESSORAS

As professoras que participaram desta pesquisa estão na EMEI Jardim Vitória há mais de cinco anos. Das sete professoras entrevistadas, três atuam diretamente com a turma observada; uma já acompanhou essa turma em questão; duas trabalham com outra turma de 5/6 anos; e uma atua como coordenadora geral.

A partir da sessão de entrevistas, foi possível constatar que uma das professoras separa fisicamente os brinquedos entre “brinquedos de meninos” e “brinquedos de meninas”. Embora não tenha sido o foco da entrevista, surgiu uma hipótese de que a religião possa conduzir, reforçar e influenciar nas decisões dessa professora a partir da sua indagação ao ser convidada a participar da entrevista: “Devo responder o que você gostaria de ouvir, ou o que eu realmente penso?” Na sua resposta sobre a forma como disponibiliza os brinquedos, afirma que deixa uma caixa para meninas e uma caixa para meninos, procurando sempre o ponto de equilíbrio. Segundo Daniela Finco (2004, p. 64), “são os adultos que esperam que as meninas sejam de um jeito e que os meninos sejam de outro.” Algumas professoras fazem intervenções quando julgam necessário, para desconstruir preconceitos e estereótipos de gênero.

Em relação ao tipo de atividade oferecida para meninos e meninas, todas as educadoras afirmaram que envolvem meninas em jogos e brincadeiras que desenvolvem os movimentos amplos como correr, jogar e pular. Em algumas situações, relataram que precisam argumentar com os meninos (e até algumas meninas), que discordam e opinam que essas brincadeiras não são exclusivamente para meninos.

No que diz respeito ao incentivo da interação entre meninos e meninas, as opiniões das professoras se divergem. Enquanto algumas professoras acreditam que devem interferir e tentar criar ambientes diversificados para que meninos e meninas aprendam a conviver e se relacionar melhor, outras acreditam que as divisões ocorram naturalmente e é da natureza das crianças procurar socializar com seus semelhantes, ou seja, deixa as coisas acontecerem de acordo com a orientação do grupo. Conforme Guacira Lobo, são as práticas rotineiras e comuns,

os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamentos e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”. (LOBO, 1997, p. 63)

Quando questionadas sobre situações que transgridam as “normas socialmente aceitas”, apesar da maioria das professoras afirmar que julgam normais e até importantes esses momentos, é expressivo o número de professoras que acreditam não estarem preparadas para lidar com situações que fujam da “normalidade”.

De maneira geral, a maior parte das professoras procura se isentar de preconceitos e estereótipos de gênero em suas relações com as crianças. Em contrapartida, algumas tentam iniciar uma discussão sobre o tema e problematizar os papéis femininos e masculinos pré-estabelecidos pela sociedade em sala de aula. Além disso, pode-se dizer que nenhuma das entrevistadas acredita ser benéfica uma divisão entre brinquedos para meninos e brinquedos para meninas.

Percebi que a entrevista gerou uma saudável discussão entre as colegas sobre os desafios e as formas de lidar com as questões de gênero. Acredito ser necessário criar estratégias que visem melhorar nossa abordagem do assunto junto às crianças, afinal o tema é de grande relevância por estar presente em nosso dia a dia e deve ser discutido sempre que possível.

### 3. CONCLUSÃO

Iniciei este trabalho buscando como resposta, uma maneira de debater com as professoras a relação de gênero e o brincar na educação infantil. Porém, durante este processo encontrei outra possibilidade de pesquisa, resolvi instituir um debate a partir da tematização de brincadeiras de casinha e futebol, possibilitando a discussão de gênero.

Durante o desenvolvimento tive a possibilidade de avaliar mais profundamente o comportamento das crianças durante as brincadeiras e a forma com que esse comportamento está relacionado às questões de gênero. Observei que as crianças, enquanto brincam, não estão preocupadas com “ser menino ou menina”, elas se preocupam em brincar.

Foi possível ouvir a opinião das crianças sobre masculinidade, feminilidade, bem como avaliar o impacto desses conceitos nas brincadeiras. Além disso, o projeto me permitiu conhecer também a forma como pensam as professoras e como suas opiniões e experiências pessoais sobre o tema interferem na metodologia de ensino usada por elas em sala de aula e durante os momentos de brincadeira.

O estudo teve como objetivos principais analisar o comportamento das crianças e a forma como reproduzem estereótipos de gênero nas brincadeiras, conhecer as concepções das colegas de trabalho em relação a condução das práticas entre meninos e meninas, promover discussões e reflexões sobre gênero e diversidade e, por fim, propor intervenções na prática pedagógica buscando uma convivência melhor e mais saudável entre meninos e meninas.

A hora da brincadeira é um momento muito importante no desenvolvimento da criança e na construção de seus valores e da sua personalidade, e um momento de convivência social, experimentações e transgressões. É inegável o papel da escola nesse processo, uma vez que é no ambiente escolar que muitas dessas interações e oportunidades acontecem.

Realizei, portanto, um experimento com crianças e professoras da EMEI Jardim Vitória, escola da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. A fim de obter melhores resultados, o experimento foi dividido em três partes, sendo dois momentos de observação participante enquanto grupos de crianças brincavam e um momento de entrevista com as professoras. Escolhi duas brincadeiras: casinha, tipicamente considerada como uma brincadeira de meninas, e futebol, que faz parte do estereótipo masculino, para que

pudesse observar como as crianças lidam quando estão expostas a situações que não são consideradas normais.

Durante o experimento, observei que, na maior parte das vezes, as crianças não apresentaram nenhum tipo de fala ou atitude preconceituosa em relação às brincadeiras, e não demonstraram constrangimento em brincar. Mesmo quando se incomodaram por estarem diante de uma situação que não é considerada normal, não souberam responder o motivo por estarem incomodadas, elas pareceram apenas reproduzir padrões que são vivenciados por elas na família e na sociedade.

Percebi que as crianças atuam nas brincadeiras retratando e reproduzindo os modelos de gênero presentes no seu cotidiano, elas julgam como normais os papéis femininos e masculinos que presenciam em casa. Uma criança cujo pai não se envolve nas atividades domésticas, aprende que essas atividades pertencem apenas ao universo feminino e carrega esse aprendizado para a brincadeira, categorizando a brincadeira de casinha como sendo apenas exclusivamente de meninas. Diante disso, o ambiente escolar se torna um fator essencial na formação das crianças, oferecendo um espaço para transgressões e desconstrução desses conceitos.

A entrevista realizada com as professoras provocou uma saudável discussão sobre questões de gênero e sobre como abordá-las nas escolas. Juntos, percebemos como o assunto é importante e como está presente no nosso cotidiano. Como nós, professoras e professores da educação infantil, temos um papel crucial na formação dos indivíduos, buscando construir uma relação não hierárquica, de respeito e equidade entre os sexos. Temos um papel fundamental para que essas relações possam acontecer de forma livre e que as mudanças que queremos ver na sociedade podem e devem ser abordadas na sala de aula e, por que não, no parquinho.

No decorrer desse trabalho, a Direção da EMEI Jardim Vitória percebeu ser oportuno a realização de uma formação sobre a sexualidade e o gênero na educação infantil. Foi muito esclarecedor pois nos mostrou uma reflexão e uma análise acerca da concepção de criança e infância, que foi sendo construída ao longo do tempo. Proporcionou um melhor entendimento sobre gênero, identidade de gênero, orientação sexual e o papel social dos gêneros.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. *Lei 9394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

BORGES, André. *O Estado de S. Paulo* - 03 de janeiro de 2019 - [https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damare-alves,70002665826\\*](https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damare-alves,70002665826*) Acesso em 08/07/2019

CORSARO, William A. *A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças*. **Educação, Sociedade e Cultura**: Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002.

COSTA, Arlete de. **Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da educação infantil**: um estudo sobre as relações de gênero. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, SC. 2004.

Faria, E. (2009). **Jogo de corpo, corpo do jogo**: futebol e masculinidade. *Cadernos De Campo* (São Paulo 1991), 18(18), 65-86.

FILHO, JOSÉ MARTINS. **Jeitos de ser criança**: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentados na ANPED/ GT07, 1999/2009.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras**: das naturalidades às transgressões. GT 07/ANPEd. 2005.

FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola. Campinas, SP, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação** - Uma perspectiva pós-estruturalista - Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, cap.3, p.60.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira. *A construção do feminino e do masculino no processo de cuidar crianças em pré-escolas*. *Texto contexto - enferm.* [online]. 2006, vol.15, n.1, p.35-42. ISSN 0104-0707. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000100004>. Acesso em 08/07/2019

SANTOS, Maria W. dos.; TOMAZZETTI, Cleonice M.; MELLO, Suely A. **Eu ainda sou criança** – educação infantil e resistência. Cap. XXI e XXII – pág. 307 a 335.

SANTOS, Sandro Vinícius Sales dos. **Eu falei que ele não sabia brincar**: relações de gênero nas interações de pares de crianças inseridas em um contexto de educação infantil. UFMG/FAE, 2010.

## APÊNDICES

### ENTREVISTAS COM PROFESSORAS

1 - Todos os brinquedos estão disponíveis para meninas e meninos sem distinção?

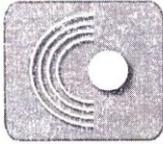
2 - As meninas participam de jogos que desenvolvem os movimentos amplos como correr, jogar e pular?

3 - Ao propor brincadeiras para as meninas e meninos, você proporciona encontros ou estimulam divisões?

4 - Quando as crianças propõem brincadeiras que transgridam as “normas socialmente aceitas”, como você reage? Nestas situações, o direito à brincadeira continua garantido?

5- Um menino observa atentamente uma menina brincando com um carrinho, manifesta vontade de brincar, pedindo-lhe o brinquedo. O que você faria?

6 - E a situação inversa, uma menina observa atentamente um menino brincando com uma boneca, manifesta vontade de brincar, pedindo-lhe o brinquedo. O que você faria?



LASEB  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prezado(a) Diretor(a),

Solicitamos sua autorização para que o(a) professor(a)/estudante \_\_\_\_\_ do curso de Especialização em Formação de Educadores para Básica da Faculdade de Educação/UFMG, área \_\_\_\_\_ de concentração \_\_\_\_\_ desenvolva seu projeto de pesquisa nessa instituição, ao longo deste ano.

Esclarecemos que este projeto é orientado por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos da parceria entre a FaE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação deste projeto constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos no projeto, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos filhos em atividades e registros.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os projetos nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

  
Vanessa Sena Tomaz  
Coordenadora Geral do Curso

  
Orientador(a) do trabalho

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369  
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb



LASEB  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2019.

Prezados Pais,

O(a) Prof.(a) \_\_\_\_\_ desenvolverá,  
na Escola \_\_\_\_\_, um projeto  
relacionado a seu trabalho final de curso de Pós-graduação na Faculdade de Educação da  
UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento  
de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino  
dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas e outros dados necessários ao projeto e  
autorização para uso de seus relatos, imagens e vídeos no referido trabalho.

Atenciosamente,

Vanessa Sena Tomaz

Coordenadora Geral do Curso

Orientador(a) do trabalho

Nome do aluno(a): \_\_\_\_\_

De acordo: assinatura dos pais / responsáveis pelo(a) aluno(a)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Faculdade de Educação da UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 1669 - Pampulha - Belo Horizonte - MG - Cep: 31.270-901 - Fone: (31) 3409-6369  
Fax: (31) 3409-5311 - laseb@fae.ufmg.br / www.fae.ufmg.br/laseb